

Apresentação

Este segundo número da Revista *Espaço Aberto* reúne contribuições em torno de um tema bastante específico: imagens dos espaços públicos. Sabemos que alguns espaços, um jardim, uma praça, um trecho de rua, uma interseção ou até mesmo o mirante de uma paisagem, concentram significações e são, por vezes, tão fortemente carregados de sentido e valores, que passam a simbolizar mesmo a sociedade que os utiliza ou a eles se refere. É por meio desses espaços concretos e das práticas sociais que se orientam a partir deles que a significação aparece como uma dimensão essencial dos espaços públicos. Essas imagens que exprimem um conjunto de relações e valores podem conferir unidade e coerência à sociedade que aí se reconhece. Como instrumentos da publicidade da vida social, algumas imagens podem ser consideradas como constitutivas do espaço público.

Por isso, este número temático é dedicado ao aprofundamento dessas ligações, ainda pouco reconhecidas, existentes entre imagem e espaço público. Não se trata de uma vez mais denunciar a distância ou a nocividade das representações imagéticas, mas de tentar ver como e por que o ambiente físico ou humanizado se transforma em imagem para fundar ou refundar o espaço público. É a imagem em toda sua materialidade, ou ao menos como parcela concreta do espaço que será tomada em conta. Como as imagens se associam aos espaços públicos? Como e em que medida elas os modificam? Podem as imagens, ao contrário, comprometer o estatuto público de um espaço? Segundo que modalidades permitem elas ao espaço público existir ou renascer? Como elas intervêm no planejamento? Qual a capacidade de reflexividade das imagens nos sujeitos que agem e refletem sobre essas imagens?

Ainda que bastante específico, o tema tem garantida reflexão na Geografia. Isso foi comprovado pelo importante número de proposições recebidas por esta revista em muito pouco tempo. Como editor do número temático, não quis proceder a uma seleção de artigos que espelhassem apenas meu julgamento pessoal sobre o que é importante nesse debate sobre as imagens e o espaço público. Tive a preocupação de preservar as diferentes posições surgidas em relação ao tema, mesmo aquelas em face das quais me encontro em franco desacordo. Estou convencido de que uma revista acadêmica é mais do que simplesmente um meio de divulgação, ela deve ser também uma arena de diálogo e de organização de argumentos em torno de específicos debates. Essa foi a intenção. Por isso, o leitor encontrará nos artigos aqui reunidos posições bastante diferentes, tratamentos sobre a questão que entram mesmo em conflito sobre a forma de abordar o tema. Tudo isso foi deliberadamente desejado.

Este número inova também pela proposta de conter um filme diretamente relacionado ao tema proposto e distribuído em conjunto com a Revista *Espaço Aberto*. Como o leitor poderá descobrir rapidamente, o filme não procura legitimar sua presença apenas como um conjunto de imagens ilustrativas do problema das representações sobre os espaços públicos. Ele reclama ser entendido como um dos instrumentos fundamentais de discussão sobre esses espaços. Essa proposta está explicada, assim como o processo de sua construção, nos dois primeiros artigos.

Reconhecidamente, esse tema das imagens dos espaços públicos se declina sob diferentes registros. Na construção deste número temático, o interessante foi perceber como essa multiplicidade encontrou representação em variadas vozes, presentes nos artigos. Um dos registros mais contemplados foi, sem dúvida, o cinema. De fato, uma parcela significativa dos autores procurou discutir essas formas de representatividade dos

espaços em filmes. Alguns colocaram mais ênfase nos espaços públicos, outros o veem marginalmente, preferindo discutir prioritariamente o uso que o cinema faz da espacialidade de forma mais geral. Só esses artigos já seriam suficientes para justificar este número temático, uma vez que partem de pontos de vista muito diversos e instauram, assim, uma verdadeira arena possível para uma contestação sobre as relações entre cinema e Geografia, ou ainda sobre os espaços e suas representações nas telas.

De fato, a questão mais fundamental trazida é aquela sobre saber como a Geografia pode trabalhar com o cinema, ou seja, em que medida a aproximação pode ser necessária, enriquecedora, ou não. Como editor e responsável pela ideia de apresentar um filme dentro de uma revista acadêmica, a resposta dos colegas que, voluntariamente, submeteram artigos que tratam do cinema e da Geografia, foi, assim, motivo de um imenso contentamento.

Além do cinema, outras representações imagéticas do espaço são discutidas nos artigos: na fotografia, em desenhos ou na cartografia. Também aí a questão mais geral é saber como a Geografia trabalhou ou pode trabalhar com imagens – Que estatuto conferimos a elas? Informação primária, tipificação morfológica exemplar, expressão intersubjetiva, instrumento pedagógico de persuasão, simbolismo sensível... Muitas são as possibilidades que aparecem no interior dos textos aqui trazidos, demonstrando que não podemos fazer mais a economia dessa discussão em nosso campo de estudos, que, definitivamente e desde seus primórdios, se caracteriza por fazer forte apelo à dimensão visual.

Outro aspecto fundamental na maneira como essa questão das imagens dos espaços públicos foi colocada é o fato de que esses espaços produzem imagens, são imagens. A visibilidade é um dos fundamentos da vida social pública, e os espaços que a isso se consagram são elementos primários para compreendermos como isso se constrói, se desenvolve e que função desempenha. O cotidiano de uma cidade pode ser concebido como um conglomerado de muitas cenas, com ritmos, personagens e roteiros bastante diferenciados, mas que nos são primeiramente comunicados pela visibilidade que adquirem quando expostos ao público. Essa dimensão aparece com especial clareza em muitos artigos que nos apresentam algumas dessas cenas. O papel da iluminação na vida urbana é também, nesse sentido, muito eloquente, embora seja tão pouco estudado pela Geografia.

Por fim, a visualidade não é algo que se exprima exclusivamente nas imagens, ou, em outras palavras, não se esgota nas imagens. Essa visualidade pode ser, pelo menos parcialmente, construída por meio de discursos. É preciso reconhecer que os discursos nos dizem o que ver, como ver ou como ler aquilo que vemos. Esse é também um dos aspectos mais importantes ressaltados em alguns dos textos desta coletânea.

A intenção mais geral que justificou a organização deste número especial foi a de difundir a ideia de que a Geografia pode e deve procurar organizar debates em torno de novos temas, mostrando a relevância e a pertinência de um raciocínio espacial sobre os fenômenos. Queríamos também especificamente demonstrar como a discussão sobre as imagens pode ser importante para essa disciplina, e isso não apenas pelo fato de que cada vez mais nos dizem que vivemos em uma era de imagens, mas talvez simplesmente porque deveríamos ter a aguda consciência de que nosso campo disciplinar foi, desde sempre, se não fundado, pelo menos ininterruptamente marcado pelas imagens. Temos a certeza de que os artigos e o filme aqui reunidos constituirão, assim, farta matéria de reflexão e discussão.

Paulo Cesar da Costa Gomes